

MEARSHEIMER NO PARLAMENTO EUROPEU: ANÁLISE DE UM FUTURO INCERTO

Em seu discurso de 2025 no Parlamento Europeu, John Mearsheimer argumenta que a guerra na Ucrânia, provocada pelo Ocidente e a expansão da OTAN, desestabilizou a Europa, prevendo vitória russa e relações futuras hostis.

Marco Antonio de Freitas Coutinho*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Este é a tradução, na íntegra, do discurso proferido pelo professor John Mearsheimer em uma conferência no Parlamento Europeu, em Bruxelas, em 10 de novembro de 2025. A transcrição do discurso em inglês está disponível no site [The American Conservative](https://www.theamericanconservative.com/articles/john-mearsheimer-on-the-ukraine-war/).

QUEM É O PROFESSOR MEARSHEIMER?

John J. Mearsheimer, nascido em 1947, no Brooklyn, em Nova York, é um dos mais influentes cientistas políticos contemporâneos, professor da Universidade de Chicago. Ele é conhecido por desenvolver a teoria do realismo ofensivo, que sustenta que grandes potências buscam constantemente maximizar seu poder para garantir sua segurança, o que inevitavelmente gera rivalidade e conflito.

Formado em West Point e doutor pela Universidade de Cornell, Mearsheimer serviu como oficial da Força Aérea antes de seguir carreira acadêmica. Sua obra combina teoria rigorosa com forte intervenção no debate público, tornando-o uma figura central nas discussões sobre política externa dos EUA, Rússia, China e Oriente Médio.

Mearsheimer é autor de diversos livros. Entre os principais:

- ***Conventional Deterrence*** (1983) – Estudo sobre estratégias militares e eficácia da dissuasão convencional.
- ***Liddell Hart and the Weight of History*** (1988) – Análise crítica sobre o historiador militar britânico Basil Liddell Hart.
- ***The Tragedy of Great Power Politics*** (2001) – Obra seminal onde apresenta o realismo ofensivo.
- ***The Israel Lobby and U.S. Foreign Policy*** (2007, com Stephen Walt) – Polêmico livro sobre a influência do lobby pró-Israel nos EUA.
- ***Why Leaders Lie: The Truth About Lying in International Politics*** (2011) – Explora como líderes usam mentiras estratégicas.
- ***The Great Delusion: Liberal Dreams and International Realities*** (2018) – Crítica ao liberalismo nas relações internacionais.
- ***How States Think: The Rationality of Foreign Policy*** (2023, com Sebastian Rosato) – Discute a racionalidade nas decisões de política externa.

Em resumo, Mearsheimer é um pensador que desafia as visões liberais e institucionalistas, defendendo que o poder militar e estratégico continua sendo o motor da política internacional.

O DISCURSO NO PARLAMENTO EUROPEU

A Europa está em apuros hoje, principalmente por causa da guerra na Ucrânia, que desempenhou um papel fundamental em minar o que tinha sido uma região em grande parte pacífica. Infelizmente, não é provável que a situação melhore nos próximos anos. Na verdade, a Europa provavelmente será menos estável daqui para

frente do que é hoje. A situação atual na Europa contrasta marcadamente com a estabilidade sem precedentes de que desfrutou durante o momento unipolar, que decorreu aproximadamente de 1992, após o colapso da União Soviética, até 2017, quando China e Rússia emergiram como grandes potências, transformando a unipolaridade em multipolaridade. Todos nos lembramos do famoso artigo de Francis Fukuyama de 1989 – “*O Fim da História?*” – que argumentava que a democracia liberal estava destinada a se espalhar pelo mundo, trazendo paz e prosperidade em seu rastro. Esse argumento estava obviamente totalmente errado, mas muitos no Ocidente acreditaram nele por mais de 20 anos. Poucos europeus imaginaram no auge da unipolaridade que a Europa estaria com tantos problemas hoje.

Então, o que deu errado?

A guerra na Ucrânia, que eu vou argumentar que foi provocada pelo Ocidente, e especialmente pelos EUA, é a principal causa da insegurança da Europa hoje. No entanto, há um segundo fator em jogo: A mudança no equilíbrio global de poder em 2017 da unipolaridade para a multipolaridade, que certamente ameaçaria a arquitetura de segurança na Europa. Ainda assim, há boas razões para pensar que essa mudança na distribuição de poder foi um problema administrável. Mas a Guerra da Ucrânia, aliada à vinda da multipolaridade, garantiu grandes problemas, que provavelmente não desaparecerão no futuro previsível.

Deixem-me começar explicando como o fim da unipolaridade ameaça os fundamentos da estabilidade Europeia. E então discutirei os efeitos da Guerra da Ucrânia na Europa e como eles interagiram com a mudança para a multipolaridade para alterar o cenário Europeu de maneiras profundas.

A Transição da Unipolaridade Para a Multipolaridade

A chave para preservar a estabilidade na Europa Ocidental durante a Guerra Fria e em toda a Europa durante o momento unipolar foi a presença militar dos EUA na Europa, que estava embutida na OTAN. Os EUA, é claro, dominaram essa aliança desde o início, o que tornou quase impossível para os Estados Membros sob o guarda-chuva de segurança americano lutarem entre si. Com efeito, os EUA têm sido uma poderosa força pacificadora na Europa. As elites europeias de hoje reconhecem

esse simples fato, o que explica por que estão profundamente comprometidas em manter as tropas americanas na Europa e manter uma OTAN dominada pelos EUA.

Vale a pena notar que quando a Guerra Fria terminou e a União Soviética estava se movendo para retirar suas tropas da Europa Oriental e pôr fim ao Pacto de Varsóvia, Moscou não se opôs a que uma OTAN dominada pelos EUA permanecesse intacta. Como os europeus ocidentais da época, os líderes soviéticos entendiam e apreciavam a lógica da chupeta. No entanto, eles se opunham veementemente à expansão da OTAN, mas [falarei] mais sobre isso depois.

Alguns podem argumentar que a UE, e não a OTAN, foi a principal causa da estabilidade Europeia durante o momento unipolar, razão pela qual a UE, e não a OTAN, ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 2012. Mas isso está errado. Embora a UE tenha sido uma instituição notavelmente bem-sucedida, seu sucesso depende da OTAN manter a paz na Europa. Virando Marx de cabeça para baixo, a instituição político-militar é a base ou fundamento, e a instituição econômica é a superestrutura. Tudo isso para dizer que, na ausência da chupeta americana, não apenas a OTAN como a conhecemos desaparece, mas a UE também será prejudicada de maneiras sérias.

Durante a unipolaridade, que, novamente, decorreu de 1992 a 2017, OS EUA eram de longe o estado mais poderoso do sistema internacional e poderiam facilmente manter uma presença militar substancial na Europa. Suas elites de política externa, de fato, não só queriam manter a OTAN, mas aumentá-la expandindo a aliança para a Europa Oriental.

Esse mundo unipolar foi embora, no entanto, com a vinda da multipolaridade. Os EUA não eram mais a única grande potência do mundo. China e Rússia eram agora grandes potências, o que significava que os formuladores de políticas americanas tinham que pensar de forma diferente sobre o mundo ao seu redor.

Para entender o que a multipolaridade significa para a Europa, é essencial considerar a distribuição de poder entre as três grandes potências mundiais. Os EUA ainda são o país mais poderoso do mundo, mas a China vem se recuperando e agora é amplamente reconhecida como concorrente. Sua enorme população, juntamente com seu crescimento econômico verdadeiramente notável desde o

início da década de 1990, transformou-a em uma potencial hegemonia no leste asiático. Para os EUA, que já são uma hegemonia regional no Hemisfério Ocidental, outra grande potência alcançando hegemonia no leste asiático ou na Europa é uma perspectiva profundamente preocupante. Lembre-se que os EUA entraram nas duas Guerras Mundiais para evitar que a Alemanha e o Japão se tornassem hegemonias regionais na Europa e no leste asiático, respectivamente. A mesma lógica se aplica hoje.

A Rússia é a mais fraca das três grandes potências e, ao contrário do que muitos europeus pensam, não é uma ameaça invadir toda a Ucrânia, muito menos a Europa Oriental. Afinal, passou os últimos três anos e meio apenas tentando conquistar o quinto oriental da Ucrânia. O Exército russo não é a *Werhmacht* e a Rússia – ao contrário da União Soviética durante a Guerra Fria e da China no leste asiático hoje – não é uma potencial hegemonia regional.

Dada essa distribuição de poder global, há um imperativo estratégico para os EUA se concentrarem em conter a China e impedir que ela domine o leste asiático. Não há nenhuma razão estratégica convincente, no entanto, para os EUA manterem uma presença militar significativa na Europa, dado que a Rússia não é uma ameaça para se tornar uma hegemonia Europeia. De fato, dedicar preciosos recursos de defesa à Europa reduz os recursos disponíveis para o leste asiático. Essa lógica básica explica o pivô dos EUA para a Ásia. Mas se um país gira para uma região, por definição, ele gira para longe de outra região e essa região é a Europa.

Há outra dimensão importante, que pouco tem a ver com o equilíbrio global de poder, que reduz ainda mais a probabilidade de os EUA continuarem comprometidos em manter uma presença militar significativa na Europa. Especificamente, os EUA têm uma relação especial com Israel que não tem paralelo na história registrada. Essa conexão, que é resultado do tremendo poder do *lobby* de Israel nos EUA, não significa apenas que os formuladores de políticas americanas apoiarão Israel incondicionalmente, mas também que os EUA se envolverão nas guerras de Israel, direta ou indiretamente. Em suma, os EUA continuarão a alocar recursos militares substanciais para Israel, bem como comprometer forças militares substanciais próprias para o Oriente Médio. Essa obrigação para com Israel cria um incentivo adicional para atrair as forças dos EUA na Europa e pressionar os países europeus a garantirem sua própria segurança.

O ponto principal é que as poderosas forças estruturais associadas à mudança da unipolaridade para a multipolaridade, juntamente com a relação peculiar dos EUA com Israel, têm o potencial de eliminar a chupeta dos EUA da Europa e paralisar a OTAN, o que obviamente teria sérias consequências negativas para a segurança europeia. É possível, no entanto, evitar uma saída americana, que é certamente o que quase todos os líderes europeus desejam. Simplificando, alcançar esse resultado requer estratégias sábias e diplomacia hábil em ambos os lados do Atlântico. Mas não foi a isso que chegamos até aqui. Em vez disso, a Europa e os EUA tolamente procuraram trazer a Ucrânia para a OTAN, o que provocou uma guerra perdida com a Rússia que aumenta acentuadamente as chances de que os EUA saiam da Europa e a OTAN seja eviscerada. Deixe-me explicar.

Quem Causou a Guerra na Ucrânia: A Sabedoria Convencional

Para entender completamente as consequências da Guerra da Ucrânia, é essencial considerar suas causas, porque a razão pela qual a Rússia invadiu a Ucrânia em fevereiro de 2022 diz muito sobre os objetivos de guerra da Rússia e os efeitos a longo prazo da guerra.

A sabedoria convencional no Ocidente é que Vladimir Putin é responsável por causar a guerra na Ucrânia. Seu objetivo, segundo o argumento, é conquistar toda a Ucrânia e torná-la parte de uma grande Rússia. Uma vez que esse objetivo seja alcançado, a Rússia se moverá para criar um império na Europa oriental, bem como a União Soviética fez após a Segunda Guerra Mundial. Nesta história, Putin é uma ameaça mortal para o Ocidente e deve ser tratado com força. Em suma, Putin é um imperialista com um plano mestre que se encaixa perfeitamente em uma rica tradição russa. Existem inúmeros problemas com essa história. Deixe-me soletrar cinco deles.

Primeiro, não há evidências anteriores a 24 de fevereiro de 2022 de que Putin quisesse conquistar toda a Ucrânia e incorporá-la à Rússia. Os defensores da sabedoria convencional não podem apontar para nada que Putin escreveu ou disse que indica que ele achava que conquistar a Ucrânia era um objetivo desejável, que ele achava que era um objetivo viável, e que ele pretendia perseguir esse objetivo.

Quando desafiados neste ponto, os fornecedores da sabedoria convencional

apontam para a afirmação de Putin de que a Ucrânia era um estado “*artificial*” e especialmente para sua visão de que russos e ucranianos são “*um só povo*”, que é um tema central em seu conhecido artigo de 12 de julho de 2021. Esses comentários, no entanto, nada dizem sobre seu motivo para ir à guerra. Na verdade, esse artigo fornece evidências significativas de que Putin reconheceu a Ucrânia como um país independente. Por exemplo, ele diz ao povo ucraniano: “*você quer estabelecer um estado próprio: de nada!*” Sobre como a Rússia deve tratar a Ucrânia, ele escreve: “*Só há uma resposta: com respeito.*” Ele conclui aquele longo artigo com as seguintes palavras: “*e o que será a Ucrânia – cabe aos seus cidadãos decidir.*”

Nesse mesmo artigo e novamente em um importante discurso que proferiu em 21 de fevereiro de 2022, Putin enfatizou que a Rússia aceita “*a nova realidade geopolítica que tomou forma após a dissolução da URSS.*” Ele reiterou esse mesmo ponto pela terceira vez em 24 de fevereiro de 2022, quando anunciou que a Rússia invadiria a Ucrânia. Todas essas declarações estão diretamente em desacordo com a alegação de que Putin queria conquistar a Ucrânia e incorporá-la a uma Rússia maior.

Segundo, Putin não tinha nem perto de tropas suficientes para conquistar a Ucrânia. Estimo que a Rússia invadiu a Ucrânia com no máximo 190.000 soldados. O general Oleksandr Syrskyi, atual comandante-em-chefe das Forças Armadas da Ucrânia, sustenta que a força de invasão da Rússia era de apenas 100.000 homens. Não há como uma força de 100.000 ou 190.000 soldados conquistar, ocupar e absorver toda a Ucrânia em uma grande Rússia. Considere que quando a Alemanha invadiu a metade ocidental da Polônia em 1º de setembro de 1939, a Wehrmacht contava com cerca de 1,5 milhão de homens. A Ucrânia é geograficamente mais de três vezes maior do que a metade ocidental da Polônia era em 1939, e a Ucrânia em 2022 tinha quase o dobro de pessoas do que a Polônia quando os alemães invadiram. Se aceitarmos a estimativa do general Syrskyi de que 100.000 soldados russos invadiram a Ucrânia em 2022, isso significa que a Rússia tinha uma força de invasão que era um sobre 15 o tamanho da força alemã que entrou na Polônia. E aquele pequeno Exército russo estava invadindo um país que era muito maior do que a metade ocidental da Polônia em termos de tamanho territorial e população.

Pode-se argumentar que os líderes russos pensavam que os militares ucranianos eram tão pequenos e tão desarmados que seu exército poderia facilmente

conquistar todo o país. Mas esse não é o caso. Na verdade, Putin e seus tenentes estavam bem cientes de que os Estados Unidos e seus aliados europeus estavam armando e treinando os militares ucranianos desde que a crise estourou pela primeira vez em 22 de fevereiro de 2014. De fato, o grande temor de Moscou era que a Ucrânia estivesse se tornando um membro *de facto* da OTAN. Além disso, os líderes russos reconheceram que o Exército ucraniano, que era maior do que sua força de invasão, vinha lutando efetivamente no Donbass desde 2014. Eles certamente entenderam que os militares ucranianos não eram um tigre de papel que poderia ser derrotado rápida e decisivamente, especialmente porque tinha um poderoso apoio do Ocidente. O objetivo de Putin era alcançar rapidamente ganhos territoriais limitados e forçar a Ucrânia à mesa de negociações, que foi o que aconteceu. Essa discussão me leva ao meu terceiro ponto.

Imediatamente após o início da Guerra, A Rússia procurou a Ucrânia para iniciar negociações para encerrar a guerra e elaborar um *modus vivendi* entre os dois países. Este movimento está diretamente em desacordo com a alegação de que Putin queria conquistar a Ucrânia e torná-la parte da Grande Rússia. As negociações entre Kiev e Moscou começaram na Bielorrússia apenas quatro dias depois que as tropas russas entraram na Ucrânia. Essa pista da Bielorrússia acabou sendo substituída por uma israelense e também por uma pista de Istambul. As evidências disponíveis indicam que os russos estavam negociando seriamente e não estavam interessados em absorver o território ucraniano, exceto a Crimeia, que haviam anexado em 2014, e possivelmente a região de Donbass. As negociações terminaram quando os ucranianos, com estímulos da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, se afastaram das negociações, que estavam progredindo bem quando terminaram.

Além disso, Putin relata que quando as negociações estavam ocorrendo e progredindo, ele foi solicitado a remover as tropas russas da área ao redor de Kiev como um gesto de boa vontade, o que ele fez em 29 de março de 2022. Nenhum governo no Ocidente ou ex-formulador de políticas desafiou seriamente o relato de Putin, que está diretamente em desacordo com a alegação de que ele estava empenhado em conquistar toda a Ucrânia.

Quarto, nos meses que antecederam o início da guerra, Putin tentou encontrar uma solução diplomática para a crise que se formava. Em 17 de dezembro de 2021, Putin enviou uma carta ao presidente Joe Biden e ao chefe da OTAN, Jens Stoltenberg,

propondo uma solução para a crise com base em uma garantia por escrito de que: 1) A Ucrânia não aderiria à OTAN, 2) Nenhuma arma ofensiva seria estacionada perto das fronteiras da Rússia e 3) as tropas e equipamentos da OTAN transferidos para a Europa Oriental desde 1997 seriam transferidos de volta para a Europa Ocidental. O que quer que se pense da viabilidade de se chegar a uma barganha com base nas demandas iniciais de Putin, isso mostra que ele estava tentando evitar a guerra. Os Estados Unidos, Por outro lado, se recusaram a negociar com Putin. Parece que não estavam interessados em evitar a guerra.

Quinto, deixando a Ucrânia de lado, não há uma centelha de evidência de que Putin estava pensando em conquistar quaisquer outros países da Europa Oriental. Isso não é surpreendente, dado que o Exército russo nem é grande o suficiente para invadir toda a Ucrânia, muito menos tentar conquistar os Estados Bálticos, a Polônia e a Romênia. Além disso, esses países são todos membros da OTAN, o que quase certamente significaria guerra com os Estados Unidos e seus aliados.

Em suma, embora se acredite amplamente na Europa – e tenho certeza que aqui no Parlamento Europeu – que Putin é um imperialista que há muito tempo está determinado a conquistar toda a Ucrânia e, em seguida, conquistar outros países a oeste da Ucrânia, praticamente todas as evidências disponíveis estão em desacordo com essa perspectiva.

A Verdadeira Causa da Guerra na Ucrânia

De fato, os Estados Unidos e seus aliados europeus provocaram a guerra. Isso não quer negar, é claro, que a Rússia começou a guerra invadindo a Ucrânia. Mas a causa subjacente do conflito foi a decisão da OTAN de trazer a Ucrânia para a aliança, o que praticamente todos os líderes russos viram como uma ameaça existencial que deve ser eliminada. Mas a expansão da OTAN não é todo o problema, pois faz parte de uma estratégia mais ampla que visa tornar a Ucrânia um baluarte Ocidental na fronteira da Rússia. Trazer Kiev para a União Europeia (UE) e promover uma revolução colorida na Ucrânia – em outras palavras, transformá-la em democracia liberal pró-Occidente – são as outras duas pontas da política. Os líderes russos temem as três pontas, mas o que mais temem é a expansão da OTAN. Como disse Putin, *“a Rússia não pode se sentir segura, se desenvolver e existir enquanto enfrenta uma ameaça permanente [a partir do] do*

território da atual Ucrânia”. Em essência, ele não estava interessado em fazer da Ucrânia uma parte da Rússia; ele estava interessado em garantir que ela não se tornasse o que ele rotulou de “*trampolim*” para a agressão Ocidental contra a Rússia. Para lidar com essa ameaça, Putin lançou uma guerra preventiva em 24 de fevereiro de 2022.

Qual é a base da alegação de que a expansão da OTAN foi a principal causa da guerra na Ucrânia?

Primeiro, os líderes russos disseram repetidamente antes do início da guerra que consideravam a expansão da OTAN na Ucrânia uma ameaça existencial que precisava ser eliminada. Putin fez inúmeras declarações públicas expondo essa linha de argumentação antes de 24 de fevereiro de 2022. Outros líderes russos – incluindo o ministro da Defesa, o ministro das Relações Exteriores, o vice-ministro das Relações Exteriores e o embaixador de Moscou em Washington – também enfatizaram a centralidade da expansão da OTAN como causa da crise sobre a Ucrânia. O ministro das Relações Exteriores, Sergei Lavrov, colocou esse ponto de forma sucinta em uma coletiva de imprensa em 14 de janeiro de 2022: “*A chave para tudo é a garantia de que a OTAN não se expandirá para o leste.*”

Em segundo lugar, a centralidade do profundo medo da Rússia de a Ucrânia se juntar à OTAN é ilustrada pelos acontecimentos desde o início da guerra. Por exemplo, durante as negociações de Istambul que ocorreram imediatamente após o início da invasão, os líderes russos deixaram manifestamente claro que a Ucrânia tinha que aceitar a “*neutralidade permanente*” e não poderia aderir à OTAN. Os ucranianos aceitaram a demanda da Rússia sem resistência séria, certamente porque sabiam que, de outra forma, seria impossível acabar com a guerra. Mais recentemente, em 14 de junho de 2024, Putin expôs as demandas da Rússia pelo fim da guerra. Uma de suas principais demandas era que Kiev declarasse “*oficialmente*” que abandona seus “*planos de ingressar na OTAN*”. Nada disso é surpreendente, já que a Rússia sempre viu a Ucrânia na OTAN como uma ameaça existencial que deve ser evitada a todo custo.

Terceiro, um número substancial de indivíduos influentes e altamente conceituados no Ocidente reconheceu antes da guerra que a expansão da OTAN – especialmente na Ucrânia – seria vista pelos líderes russos como uma ameaça mortal e acabaria

levando ao desastre.

William Burns, que recentemente era o chefe da CIA, mas era embaixador dos EUA em Moscou na época da cúpula da OTAN em abril de 2008 em Bucareste, escreveu um memorando para a Então secretária de Estado Condoleezza Rice que descreve sucintamente o pensamento russo sobre trazer a Ucrânia para a aliança. *“A entrada ucraniana na OTAN”,* escreveu ele, *“é a mais brilhante de todas as linhas vermelhas para a elite russa (não apenas Putin). Em mais de dois anos e meio de conversas com figuras-chave russas, desde os mais obscuros nos recônditos do Kremlin até os críticos liberais mais ferrenhos de Putin, ainda não encontrei ninguém que veja a Ucrânia na OTAN como algo diferente de um desafio direto aos interesses russos”.* A OTAN, disse ele, *“seria vista ... como um desafio estratégico. A Rússia de hoje responderá. As relações russo-ucranianas entrarão em um período de congelamento profundo.... isso criará solo fértil para a intromissão russa na Crimeia e no leste da Ucrânia”.*

Burns não foi o único formulador de políticas Ocidental em 2008 que entendeu que trazer a Ucrânia para a OTAN era cheio de perigos. Na cúpula de Bucareste, por exemplo, tanto a chanceler da Alemanha, Angela Merkel, quanto o presidente da França, Nicolas Sarkozy, se opuseram a avançar na adesão da Ucrânia à OTAN porque entenderam que isso alarmaria e enfureceria a Rússia. Merkel explicou recentemente sua oposição: *“eu tinha muita certeza ... de que Putin não vai simplesmente deixar isso acontecer. Do ponto de vista dele, isso seria uma declaração de guerra.”*

Também vale a pena notar que o ex-secretário-geral da OTAN, Jens Stoltenberg, disse duas vezes antes de deixar o cargo que *“o presidente Putin começou esta guerra porque queria fechar a porta da OTAN e negar à Ucrânia o direito de escolher seu próprio caminho”.* Quase ninguém no Ocidente contestou essa notável admissão, e ele não se retratou.

Para levar isso um passo adiante, vários formuladores de políticas e estrategistas americanos se opuseram à decisão do presidente Bill Clinton de expandir a OTAN durante a década de 1990, quando a decisão estava sendo debatida. Esses opositores entenderam desde o início que os líderes russos veriam o alargamento como uma ameaça aos seus interesses vitais e que [essa] política acabaria por levar ao

desastre. A lista de opositores inclui figuras proeminentes do *establishment* como George Kennan, tanto o secretário de Defesa de Clinton, William Perry, quanto seu presidente do Estado-Maior Conjunto, general John Shalikashvili, Paul Nitze, Robert Gates, Robert McNamara, Richard Pipes e Jack Matlock, só para citar alguns.

A lógica da posição de Putin deve fazer todo o sentido para os americanos, que há muito tempo estão comprometidos com a Doutrina Monroe, que estipula que nenhuma grande potência distante tem permissão para formar uma aliança com um país do Hemisfério Ocidental e localizar suas forças militares lá. Os Estados Unidos interpretariam tal movimento como uma ameaça existencial e fariam grandes esforços para eliminar o perigo. Claro, foi o que aconteceu durante a crise dos mísseis cubanos em 1962, quando o presidente John Kennedy deixou claro para os líderes soviéticos que seus mísseis com ogiva nuclear teriam que ser removidos de Cuba. Putin é profundamente influenciado pela mesma lógica. Afinal, as grandes potências não querem que grandes potências distantes movam forças militares para áreas próximas ao seu próprio território.

Os defensores de trazer a Ucrânia para a OTAN às vezes argumentam que Moscou não deveria ter se preocupado com o alargamento, porque “*a OTAN é uma aliança defensiva e não representa uma ameaça para a Rússia*”. Mas não é assim que os líderes russos pensam sobre a Ucrânia na OTAN, e é o que eles acham que importa. Em suma, não há dúvida de que Putin viu a adesão da Ucrânia à OTAN como uma ameaça existencial que não poderia ser permitida e estava disposto a ir à guerra para impedir que isso acontecesse, o que ele fez em 24 de fevereiro de 2022.

O Curso da Guerra Até Agora

Deixe-me agora falar sobre o curso da guerra. Depois que as negociações de Istambul fracassaram em abril de 2022, o conflito na Ucrânia se transformou em uma guerra de desgaste com semelhanças marcantes com a Primeira Guerra Mundial na frente ocidental. A guerra, que tem sido um confronto brutal, já dura mais de três anos e meio. Durante esse período, A Rússia anexou formalmente quatro *oblasts* ucranianos, além da Crimeia, que anexou em 2014. Com efeito, a Rússia anexou até agora cerca de 22% do território ucraniano anterior a 2014, todo ele na parte oriental daquele país.

O Ocidente deu um enorme apoio à Ucrânia desde o início da guerra, em 2022, fazendo de tudo, menos se engajando diretamente nos combates. Não é por acaso que os líderes russos pensam que seu país está em guerra com o Ocidente. No entanto, Trump está determinado a limitar drasticamente o papel dos EUA na guerra e transferir o fardo de apoiar a Ucrânia para os ombros da Europa.

A Rússia está claramente ganhando a guerra e é provável que prevaleça. O motivo é simples: em uma guerra de desgaste, cada lado tenta sangrar o outro à exaustão, o que significa que o lado com mais soldados e maior poder de fogo provavelmente sairá vitorioso. A Rússia tem uma vantagem significativa em ambas as dimensões. Por exemplo, Syrskyi diz que a Rússia agora tem três vezes mais tropas engajadas na guerra do que a Ucrânia e, em alguns pontos ao longo das linhas de frente, os russos superam os ucranianos em 6:1. De fato, de acordo com inúmeros relatos, a Ucrânia não tem soldados suficientes para povoar densamente todas as suas posições na linha de frente, o que às vezes facilita a penetração das forças russas em suas linhas.

Em termos de poder de fogo, durante a maior parte da guerra, a vantagem da Rússia na artilharia – uma arma criticamente importante na guerra de atrito – foi relatada como sendo 3:1, 7:1 ou 10:1. A Rússia também tem um enorme estoque de bombas planadoras de alta precisão, que eles usaram com eficácia mortal contra as defesas ucranianas, enquanto Kiev quase não tem bombas planadoras. Embora não haja dúvida de que a Ucrânia tem uma frota de drones altamente eficaz, que inicialmente era mais eficaz do que a frota de drones da Rússia, a Rússia virou a mesa no ano passado e agora tem a vantagem com drones, bem como artilharia e bombas planadoras.

É importante ressaltar que Kiev não tem uma solução viável para seu problema de mão de obra, pois tem uma população muito menor do que a Rússia e é atormentada por esquivas e deserções. Nem a Ucrânia pode resolver o desequilíbrio no armamento, principalmente porque a Rússia tem uma base industrial robusta que produz grandes quantidades de armamento, enquanto a base industrial da Ucrânia é insignificante. Para compensar, a Ucrânia depende muito do Ocidente para o armamento, mas os países ocidentais não têm a capacidade de fabricação necessária para acompanhar a produção russa. Para piorar a situação, Trump está diminuindo o fluxo de armamento americano para a Ucrânia.

Em resumo, a Ucrânia está em grande desvantagem em termos de armamento e efetivo, o que é fatal em uma guerra de desgaste. Além dessa terrível situação no campo de batalha, a Rússia tem um enorme estoque de mísseis e drones que usa para atacar profundamente a Ucrânia e destruir infraestruturas críticas e depósitos de armas. Com certeza, Kiev tem a capacidade de atingir alvos nas profundezas da Rússia, mas não tem nem de longe o poder de ataque que Moscou possui. Além disso, atingir alvos no interior da Rússia terá pouco efeito sobre o que acontece no campo de batalha, onde esta guerra está sendo resolvida.

As Perspectivas Para Uma Solução Pacífica

E as perspectivas de uma solução pacífica? Houve muita discussão ao longo de 2025 sobre encontrar um acordo diplomático para acabar com a guerra. Essa conversa se deve em boa parte à promessa de Trump de que resolveria a guerra antes de se mudar para a Casa Branca ou pouco depois. Ele obviamente falhou – na verdade, ele nem chegou perto de ter sucesso. A triste verdade é que não há esperança de negociar um acordo de paz significativo. Esta guerra será resolvida no campo de batalha, onde os russos provavelmente obterão uma vitória feia que resultará em um conflito congelado com a Rússia de um lado e a Ucrânia, a Europa e os EUA do outro. Deixem-me explicar.

Resolver a guerra diplomaticamente não é possível porque os lados opostos têm demandas irreconciliáveis. Moscou insiste que a Ucrânia deve ser um país neutro, o que significa que não pode estar na OTAN ou ter garantias significativas de segurança do Ocidente. Os russos também exigem que a Ucrânia e o Ocidente reconheçam a anexação da Crimeia e dos quatro *oblasts* no leste da Ucrânia. Sua terceira exigência fundamental é que Kiev limite o tamanho de suas forças armadas ao ponto de não apresentar nenhuma ameaça militar à Rússia. Sem surpresa, a Europa e especialmente a Ucrânia rejeitam categoricamente essas demandas. A Ucrânia se recusa a ceder qualquer território à Rússia, enquanto os líderes europeus e ucranianos continuam pressionando para trazer a Ucrânia para a OTAN ou pelo menos permitir que o Ocidente forneça a Kiev uma séria garantia de segurança. Desarmar a Ucrânia a um ponto que satisfaça Moscou também está fora de questão. Não há como conciliar essas posições opostas para produzir um acordo de paz.

Assim, a guerra será resolvida no campo de batalha. Embora eu acredite que a Rússia vencerá, não conquistará uma vitória decisiva onde acabe conquistando toda a Ucrânia. Em vez disso, é provável que obtenha uma vitória feia, onde acaba ocupando algo entre 20 a 40 por cento da Ucrânia pré-2014, enquanto a Ucrânia acaba como um estado disfuncional que cobre o território que a Rússia não conquista. É improvável que Moscou tente conquistar toda a Ucrânia, porque os 60% ocidentais do país estão cheios de ucranianos étnicos que resistiriam poderosamente a uma ocupação russa e a transformariam em um pesadelo para as forças de ocupação. Tudo isso é para dizer que o provável resultado da guerra da Ucrânia é um conflito congelado entre uma Rússia maior e uma Ucrânia reduzida, apoiada pela Europa.

Consequências

Permitam-me agora explorar as prováveis consequências da guerra na Ucrânia, concentrando-me primeiro nas consequências para a própria Ucrânia e depois nas consequências para as relações entre a Europa e a Rússia. Por fim, discutirei as prováveis consequências dentro da Europa, bem como para a relação transatlântica.

Para começar, a Ucrânia foi efetivamente destruída. Já perdeu parte substancial de seu território e é provável que perca mais terras antes que os combates cessem. Sua economia está em frangalhos, sem perspectiva de recuperação no futuro previsível, e de acordo com meus cálculos, sofreu cerca de um milhão de baixas, um número impressionante para qualquer país, mas certamente para um que se diz estar em uma “espiral demográfica da morte”. A Rússia também pagou um preço significativo, mas não sofreu nem de longe tanto quanto a Ucrânia.

A Europa quase certamente permanecerá aliada da Ucrânia reduzida no futuro previsível, dados os custos irrecuperáveis e a profunda russofobia que permeia o Ocidente. Mas essa relação contínua não vai funcionar a favor de Kiev por duas razões. Primeiro, incentivará Moscou a interferir nos assuntos internos da Ucrânia para causar problemas econômicos e políticos, de modo que não seja uma ameaça à Rússia e não esteja em posição de ingressar na OTAN ou na UE. Em segundo lugar, o compromisso da Europa em apoiar Kiev, aconteça o que acontecer, motiva os russos a conquistarem o máximo de território ucraniano possível enquanto a guerra

estiver em curso, de modo a maximizar a fragilidade do Estado ucraniano remanescente após o fim do conflito.

E quanto ao avanço das relações entre a Europa e a Rússia? É provável que sejam venenosos até onde a vista alcança. Tanto os europeus quanto certamente os ucranianos trabalharão para minar os esforços de Moscou para integrar os territórios ucranianos que anexou à Grande Rússia, bem como procurar oportunidades para causar problemas econômicos e políticos aos russos. A Rússia, por sua vez, buscará oportunidades para causar problemas econômicos e políticos dentro da Europa e entre a Europa e os EUA. Os líderes russos terão um poderoso incentivo para fraturar o Ocidente o máximo possível, já que o Ocidente quase certamente terá suas miras assestadas na Rússia. E não se pode esquecer que a Rússia estará trabalhando para manter a Ucrânia disfuncional, enquanto a Europa trabalhará para torná-la funcional.

As relações entre a Europa e a Rússia não serão apenas venenosas, mas também perigosas. A possibilidade de guerra estará sempre presente. Além do risco de que a guerra entre a Ucrânia e a Rússia possa recomeçar – afinal, a Ucrânia vai querer seu território perdido de volta – existem outros seis pontos críticos onde uma guerra entre a Rússia e um ou mais países europeus poderia eclodir. Primeiro, considerem o Ártico, onde o derretimento do gelo abriu caminho para a competição por rotas migratórias e recursos. Lembrem-se de que sete dos oito países localizados no Ártico são membros da OTAN. A Rússia é o oitavo, o que significa que está em desvantagem numérica de 7:1 em relação aos países da OTAN nessa área estrategicamente importante.

O segundo ponto de inflamação é o Mar Báltico, que às vezes é chamado de “Lago da OTAN” porque é amplamente cercado por países dessa aliança. Essa hidrovia, no entanto, é de vital interesse estratégico para a Rússia, assim como Kaliningrado, o enclave russo na Europa oriental que também é cercado por países da OTAN. O quarto ponto de inflamação é a Bielorrússia, que por causa de seu tamanho e localização, é tão estrategicamente importante para a Rússia quanto a Ucrânia. Os Europeus e os americanos certamente tentarão instalar um governo pró-Ocidente em Minsk depois que o presidente Aleksandr Lukashenko deixar o cargo e, eventualmente, transformá-lo em um baluarte pró-Ocidente na fronteira da Rússia.

O Ocidente já está profundamente envolvido na política da Moldávia, que não só faz fronteira com a Ucrânia, mas contém uma região separatista conhecida como Transnístria, que é ocupada por tropas russas. O ponto de inflamação final é o Mar Negro, que é de grande importância estratégica tanto para a Rússia quanto para a Ucrânia, bem como para um punhado de países da OTAN: Bulgária, Grécia, Romênia e Turquia. Tal como acontece com o Mar Báltico, há muito potencial para problemas no Mar Negro.

Tudo isso para dizer que, mesmo depois que a Ucrânia se tornar um conflito congelado, a Europa e a Rússia continuarão a ter relações hostis em um cenário geopolítico repleto de pontos problemáticos. Em outras palavras, a ameaça de uma grande guerra europeia não desaparecerá quando os combates pararem na Ucrânia.

Passemos agora às consequências da Guerra da Ucrânia dentro da Europa e depois aos seus prováveis efeitos nas relações transatlânticas. Para começar, não se pode enfatizar o suficiente que uma vitória russa na Ucrânia – mesmo que seja uma vitória feia como eu antecipo – seria uma derrota impressionante para a Europa. Ou, para colocar em palavras ligeiramente diferentes, seria uma derrota impressionante para a OTAN, que está profundamente envolvida no conflito da Ucrânia desde que começou em fevereiro de 2014. De fato, a Aliança está empenhada em derrotar a Rússia desde que o conflito se transformou em uma grande guerra em fevereiro de 2022.

A derrota da OTAN levará a recriminações entre os Estados Membros e dentro de muitos deles também. Quem é o culpado por esta catástrofe importará muito para as elites governantes na Europa e certamente haverá uma poderosa tendência de culpar os outros e não aceitar a responsabilidade por si mesmos. O debate sobre “quem perdeu a Ucrânia” acontecerá em uma Europa que já está assolada por políticas turbulentas tanto entre países quanto dentro deles. Além dessas lutas políticas, Alguns questionarão o futuro da OTAN, visto que ela falhou em conter a Rússia, país que a maioria dos líderes europeus descreve como uma ameaça mortal. Parece quase certo que a OTAN estará muito mais fraca após o fim da guerra na Ucrânia do que estava antes de seu início.

Qualquer enfraquecimento da OTAN terá repercussões negativas para a UE, porque um ambiente de segurança estável é essencial para que a UE floresça, e a OTAN é a

chave para a estabilidade na Europa. Ameaças à UE à parte, a grande redução no fluxo de gás e petróleo para a Europa desde o início da guerra prejudicou seriamente as principais economias da Europa e desacelerou o crescimento na zona do euro em geral. Há boas razões para acreditar que o crescimento econômico em toda a Europa está longe de se recuperar totalmente do desastre da Ucrânia.

Uma derrota da OTAN na Ucrânia também deve levar a um jogo de culpa transatlântico, especialmente porque o governo Trump se recusou a apoiar Kiev tão vigorosamente quanto o governo Biden e, em vez disso, pressionou os europeus a assumirem mais o fardo de manter a Ucrânia na luta. Assim, quando a guerra finalmente terminar com uma vitória russa, Trump pode acusar os europeus de não estarem à altura da situação, enquanto os líderes europeus podem acusar Trump de abandonar a Ucrânia em seu momento de maior necessidade. É claro que as relações de Trump com a Europa são tensas há muito tempo, então essas recriminações só irão piorar uma situação já ruim.

Depois, há a importantíssima questão de saber se os EUA reduzirão significativamente sua pegada militar na Europa ou talvez até retirem todas as suas tropas de combate da Europa. Como enfatizei no início da palestra, independente da Guerra da Ucrânia, a mudança histórica da unipolaridade para a multipolaridade criou um poderoso incentivo para os EUA se voltarem para o leste da Ásia, o que efetivamente significa se afastar da Europa. Esse movimento por si só tem o potencial de acabar com a OTAN, que é outra forma de dizer o fim da chupeta americana na Europa.

O que aconteceu na Ucrânia desde 2022 torna esse resultado mais provável. Para repetir: Trump tem uma hostilidade profunda à Europa, especialmente seus líderes, e os culpará pela perda da Ucrânia. Ele não tem grande afeição pela OTAN e descreveu a UE como um inimigo criado *“para ferrar com os Estados Unidos”*. Além disso, o fato de a Ucrânia ter perdido a guerra, apesar do enorme apoio da OTAN, provavelmente o levará a descartar a aliança como ineficaz e inútil. Essa linha de argumentação permitirá que ele pressione a Europa a prover sua própria segurança e não pegar carona grátis com os EUA. Em suma, parece provável que os resultados da guerra na Ucrânia, juntamente com a espetacular ascensão da China, corroam o tecido das relações transatlânticas nos próximos anos, em detrimento da Europa.

Conclusão

Gostaria de encerrar agora com algumas observações gerais. Para começar, a guerra na Ucrânia foi um desastre. Aliás, é um desastre que quase certamente continuará a causar danos nos próximos anos. Teve consequências catastróficas para a Ucrânia. Envenenou as relações entre a Europa e a Rússia num futuro próximo e tornou a Europa um lugar mais perigoso. Também causou sérios danos econômicos e políticos dentro da Europa e prejudicou gravemente as relações transatlânticas.

Essa calamidade levanta a inevitável questão: Quem é o responsável por esta guerra? Essa pergunta não desaparecerá tão cedo e, pelo contrário, provavelmente se tornará ainda mais relevante com o tempo, à medida em que a extensão dos danos se tornar mais evidente para mais pessoas.

A resposta, é claro, é que os EUA e seus aliados europeus são os principais responsáveis. A decisão de abril de 2008 de trazer a Ucrânia para a OTAN, que o Ocidente tem perseguido incansavelmente desde então, dobrando a aposta nesse compromisso vez após vez, é a principal força motriz por trás da Guerra da Ucrânia.

A maioria dos líderes europeus, no entanto, culpará Putin por causar a guerra e, portanto, por suas terríveis consequências. Mas eles estão errados. A guerra poderia ter sido evitada se o Ocidente não tivesse decidido trazer a Ucrânia para a OTAN ou mesmo se tivesse recuado desse compromisso assim que os russos deixaram clara sua oposição. Se isso tivesse acontecido, a Ucrânia quase certamente estaria intacta hoje dentro de suas fronteiras pré-2014, e a Europa seria mais estável e mais próspera. Mas esse trem já partiu, e a Europa deve agora lidar com os resultados desastrosos de uma série de erros evitáveis.

**Marco Antonio de Freitas Coutinho é coronel da reserva do Exército Brasileiro, bacharel em Ciências Militares pela AMAN, mestre em Operações Militares pela EsAO e em Ciências Militares pela ECEME. Coutinho é pós-graduado em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília e Mestre em Ciência Política Internacional pela Fundação Universitária Iberoamericana (Espanha). Pode ser contatado pelo e-mail marcoutinho@hotmail.com. Acompanhe também seu Substack: <https://substack.com/@marcoutinho>.*
